

APRENDERENSINAR INGLÊS EM TEMPOS DE CULTURA DIGITAL¹

Luciana de Jesus Lessa Censi
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO

O presente trabalho expõe algumas considerações, bem como questionamentos, que dizem respeito às práticas de *aprenderensinar* inglês, especialmente no cotidiano escolar, em tempos de cultura digital. Tecemos discussões criando paralelos entre os esclarecimentos que trazem as literaturas sobre o novo cenário de cultura digital (LEFFA, 2016; LÉVY, 1999; CORDEIRO, 2014) e as pistas fornecidas por meio de observação participante natural (GIL, 2008) do/no próprio cotidiano escolar. Apontamos e caracterizamos o cotidiano do qual nossos estudantes fazem parte e, a partir daí, sugerimos a necessidade de as práticas de *aprenderensinar* serem reconfiguradas nos contextos múltiplos vivenciados e cada vez mais digitais.

Palavras-chave: práticas de *aprenderensinar*; inglês; cultura digital; cotidiano escolar.

INTRODUÇÃO

De antemão, destacamos que a nossa opção pelo uso de um termo único - *aprenderensinar* - para se referir a duas práticas, ampara-se na ideia de que no cotidiano escolar elas acontecem, muitas vezes, ao mesmo tempo e são realizadas por todos, não havendo, na verdade, sujeitos específicos para protagonizar cada uma delas (FERRAÇO, 2007). Por isso, tais práticas encontram-se imbricadas e não desejamos correr o risco de dicotimizá-las. Decidimos, pois, pela escolha ortográfica de unir os termos e invertê-los, o que também se deve ao entendimento de que ninguém ensina algo sem antes de tê-lo aprendido (ALVES, 2008).

Em se tratando do inglês como língua estrangeira, inúmeros são os debates sobre o insucesso do idioma na escola pública brasileira. Pesquisadores atribuem este insucesso a vários fatores, como “o professor e sua concepção de língua e de ensino, o aluno e sua concepção de aprendizado de língua, material didático utilizado, os recursos disponíveis na escola, dentre outros” (CRUZ; LIMA, 2011).

Todavia, ao vivermos em tempos nos quais as práticas sociais têm sido reconfiguradas pela presença do digital, salientamos a importância de investigar quais são as implicações dessas mudanças na educação linguística e no cotidiano escolar. Se há reflexões que giram em torno da importância de apresentar a língua estrangeira não apenas enquanto sistema, mas que o estudo dela promova a cidadania, a (re)construção de identidades e culturas de todos os envolvidos no processo educacional, pensamos que as tecnologias digitais conectadas possibilitam a ocorrência de novas formas de *aprenderensinar* inglês.

Dessa maneira, colocamos uma lupa para enxergar no cotidiano escolar as relações que os estudantes de língua inglesa já têm estabelecido com a cultura digital e (des)alinhá-las com os pontos de vista enunciados por autores que tratam

¹ XIV EVIDOSOL e XI CILTEC-Online - junho/2017 - <http://evidosol.textolivre.org>

da temática em questão, sugerindo a necessidade de outros caminhos para *aprenderensinar* inglês na contemporaneidade.

CENAS DO COTIDIANO ESCOLAR

Cultura digital é, primeiramente, tudo que envolve os processos de digitalização, os seus artefatos, sua apropriação e usos pelos praticantes/interagentes, seus produtos materiais, a exemplo da produção de mídias ou obras artísticas. Também envolve produção de sentidos e significados, comportamentos, maneiras de pensar, relacionar, ser e estar no mundo. Esta cultura relaciona-se com as decisões sobre detalhes da nossa vida cotidiana, desde aqueles mais banais, como, por exemplo, quando necessitamos que nosso ambiente doméstico tenha mais tomadas para o recarregamento das baterias dos nossos aparelhos, ou como obter sinal de acesso às redes digitais em qualquer parte desse ambiente, ou mesmo, como baixar aplicativos que potencializem nossas ações e movimentos no cotidiano, até aquelas decisões e processos mais complexos, que envolvem os debates sobre políticas públicas de banda larga e de regulamentação do uso livre e democrático da rede (Cordeiro, 2014, p.127).

É esta cultura digital que responde à presença dos *smartphones* nos pátios, corredores e salas de aula. Vemos no cotidiano escolar que os estudantes estão grande parte do tempo conectados, fotografam a lousa, não esquecem de tirar as *selfies*, usam o fone de ouvido até durante as aulas e formam grupos durante o período de intervalo para jogar *online*. Além do que, conseguem driblar o sigilo da senha da rede *Wi-Fi* da escola como se fossem experientes *hackers* e se mostram tão apegados aos aparatos tecnológicos, que presenciamos muitos deles competirem no uso das tomadas de eletricidade para carregar os aparelhos celulares nas salas de aula; outros desligam os dispositivos para que o consumo da bateria permita um uso prolongado dos aparelhos.

Na verdade, “com o acesso às pessoas pelo celular (...), o acesso ao saber se abriu. De certa maneira, já está o tempo todo e por todo lugar transmitido” (SERRES, 2015, p.26). Nossos estudantes já têm consciência quanto a isso, quando necessário também estão na rede para buscar informações, interagir e construir conhecimentos.

Ao utilizar a técnica de observação participante natural, na qual há a participação real do observador na vida da comunidade da qual já faz parte, pôde-se também captar esclarecimentos que acompanham o comportamento dos observados (GIL, 2008). Diante disso, informações importantes vieram à tona.

Os jovens estudantes jogam *online* com jogadores dispersos pelo mundo. Muitas vezes, os parceiros de jogos são falantes nativos do inglês e de outras línguas, o que não é um empecilho para as interações nos *chats* dos *games*. Eles ouvem músicas internacionais e são fãs de bandas estrangeiras. Criam redes na Web ao interagir com comunidades de fãs em língua materna, bem como em inglês. Eles assistem animes em inglês e em outras línguas estrangeiras.

As revelações do cotidiano escolar atestam o que Leffa (2003) anuncia de que devido à posição de língua internacional, a língua inglesa não mais se refere a uma única cultura, mas a várias. Logo, não é mais cabível que na sala de aula de língua inglesa se privilegie o ensino do inglês focando um único dialeto, geralmente o “americano” das grandes capitais ou “britânico” de Londres, ou seja, os de maior prestígio. Isso porque juntamente com a diversidade linguística (inglês indiano, canadense, japonês, americano do sul, irlandês etc) eclode uma vasta diversidade cultural que se transforma a cada dia.

A partir disso, concordando com Leffa (2003), pode-se dizer que o inglês passou a ser uma língua multilíngue e multicultural. Essa multiplicidade já é experienciada pelos nossos estudantes de língua inglesa.

Lidar com a geração que temos em sala de aula, inclui, sem dúvidas, considerar a maneira como ela vê o mundo e, conseqüentemente, aprende. Ademais, da mesma forma como as práticas de ensino mudaram a partir do apoio de materiais impressos, na contemporaneidade, elas também carecem de alterações, sobretudo quanto à incorporação de práticas letradas digitais já presentes em diversas escalas sociais (BRAGA, 2013). Serres (2015, p.28) também expressa semelhante ponto de vista:

Sentimos ser urgentemente necessária essa mudança decisiva do ensino, mudança que pouco a pouco repercute na sociedade mundial e no conjunto de suas instituições ultrapassadas; mudança que não abala apenas o ensino, mas também, e muito, o trabalho, as empresas, a saúde, o direito e a política, isto é, o conjunto de nossas instituições -, mas estamos longe disso ainda.

Há algum tempo quando solicitávamos aos estudantes exemplos de situações nas quais a língua inglesa se apresentava em suas vivências, as respostas se reduziam aos estrangeirismos adotados por nossa língua materna. Na contemporaneidade, o leque de respostas é bem maior. A língua inglesa (às vezes, até outras línguas) está nas atividades que os jovens escolhem para se entreter: em seus jogos favoritos, nas músicas e bandas que apreciam ao redor do mundo, em seus animes prediletos etc. Alternativas que se tornaram acessíveis graças à cultura digital e às tecnologias digitais conectadas.

NECESSIDADE: NOVAS PRÁTICAS DE APRENDERENSINAR INGLÊS

Por que a Polegarzinha se interessa cada vez menos pelo que diz o porta-voz? Porque, diante da crescente oferta do saber, num imenso fluxo, por todo lugar e constantemente disponível, a oferta pontual e singular se torna derrisória. A questão se colocava de forma cruel quando era preciso se deslocar para ouvir um saber raro e secreto. Agora acessível, esse saber sobeja, próximo, inclusive em objetos de pequenas dimensões, que a Polegarzinha carrega no bolso, junto ao lenço. A onda de acesso aos saberes sobe tão alto quanto a da tagarelice (SERRES, 2015, p.46).

Se o saber se tornou tão acessível aos estudantes, o papel do professor de inglês também muda. Ele passou a incentivador de inteligências coletivas. As práticas colaborativas, as aprendizagens personalizadas e em rede podem ser potencializadas (LÉVY, 1999).

“Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e sobretudo os papéis de professor e de aluno” (LÉVY, 1999, p.172).

Rajagopalan (2003) resume que o real propósito do ensino de LE é contribuir para a formação de indivíduos capazes de interagir com pessoas de culturas

diferentes, modos de pensar e agir, e transformar-se em cidadãos do mundo. O que seria então necessário para que isso, de fato, acontecesse? Vale ressaltar também que demandas do momento em que vivemos, o qual é caracterizado pela presença de tecnologias digitais conectadas que proporcionam a interação e incentivam os indivíduos a se envolverem com realidades e povos diversos, este contexto pode e deve ser considerado para *aprenderensinar* inglês.

Pesquisadores advertem em relação à maneira como a tecnologia tem sido usada e adotada nas salas de aula pelos professores ao enunciarem que “as mudanças não são determinadas pelas mídias, mas sim pela perspectiva pedagógica adotada (...) o fato de ser digital não garante o caráter de inovação” (Braga, 2013, p.59).

O que propomos, de fato, não é a troca do dicionário físico pelo digital, mas a alteração de práticas que levem professores e estudantes a não só incorporarem o digital, mas a explorarem as potencialidades das tecnologias digitais conectadas. Com a Web 2.0 pode-se não somente consumir conteúdos em inglês, mas criar, recriar, compartilhar, tecer interações e construir conhecimentos de maneira colaborativa. Além disso, o interlocutor autêntico pode estar a um clique.

É claro que se deve dar atenção aos interesses dos estudantes para *aprenderensinar* a língua, mediante a existência do “segundo dilúvio: o dilúvio de informações na Web” (LÉVY, 1999, p. 160), visto que há uma infinidade de *sites*, de aplicativos móveis, de comunidades virtuais etc, na rede que podem exigir uma navegação longa e cuidadosa a fim de selecionar o que será útil para ser explorado nas práticas de *aprenderensinar* inglês *dentrofora* da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as práticas de *ensinaraprender* inglês na escola também não forem reconfiguradas, há um grande risco de o inglês se tornar uma língua cada vez mais estrangeira. E, principalmente, distante da língua inglesa com a qual os estudantes têm se relacionado em situações cotidianas.

Se por um lado, os estudantes têm se aproximado do inglês e de outras línguas estrangeiras, dada a disseminação da cultura digital e das tecnologias digitais conectadas, por outro, o acesso a materiais digitais diversos e autênticos em língua inglesa na rede tornou-se facilitado para o planejamento de aulas pelos professores.

Acima de tudo, entende-se que explorar novas formas de *aprenderensinar* inglês e quaisquer outros saberes na rede passou a ser um meio de proporcionar e atender a novos estilos de aprendizagens. A cultura digital traz potencialidades que não podem ser deixadas à margem para enriquecer as práticas de *aprenderensinar* línguas, especialmente no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2008.

BRAGA, D. **Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas**. São Paulo: Cortez, 2013.

CORDEIRO, S.F.N. **Tecnologias digitais móveis e cotidiano escolar: espaços/tempos e aprender**. 322f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17729>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

CRUZ, G.F.; LIMA, J.R. Quem faz o ensino na escola pública (não) funcionar? In: LIMA, D. C. **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

FERRAÇO, C.E. Pesquisa com o cotidiano. In: **Dossiê: "Cotidiano Escolar"**. Campinas, Educ. Soc. v. 28, n. 98, Jan./Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302007000100005> Acesso em 22 jan. 2017.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

LEFFA, V. Redes sociais: ensinando línguas como antigamente. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson (Org.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos a aprender?** São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

_____. O ensino do inglês no futuro: da dicotomia para a convergência. In: STEVENS, Cristina Maria Teixeira; CAVALCANTI, Maria Jandyra Cunha. (Org.). **Caminhos e colheita: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil**. Brasília: UNB, 2003, v. 1, p. 225-250.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999.

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.